

“NÃO PARECE, MAS É”: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS NORTE-AMERICANO

Bárbara BALDWIN¹¹

RESUMO

A descrição da Expressão Idiomática (EI), de modo geral, é determinada por especificidades de difícil sistematização. A pesquisa é importante considerando a frequência com que as EI's são usadas; as dificuldades que aprendizes de português segunda língua têm em interpretá-las e a carência de recursos disponíveis aos professores para explicá-las. Partindo das noções de complexidade, conotação e cristalização por tradição cultural da EI, proposto por Cláudia Xatara (1998), nos servimos de conceitos de interculturalismo apontados por Milton Bennet (1998) para observar padrões culturais idiomáticos compartilhados entre Brasil e Estados Unidos e estabelecer conexões de sentido entre EI's dos dois idiomas. Por meio de dicionários de expressões e textos autênticos disponíveis na internet, comparamos qualitativamente a Equivalência Semântica (ES) dessas expressões. Considerando diferentes graus de ES e aplicação no contexto situacional, destacamos aquelas de maior grau como, por exemplo, “abotoar o paletó” - “kick the bucket”; “dedo-duro” - “drop a dime” e “jogar conversa fora” - “chew the fat”. Apontamos, ainda, indicadores comuns que influenciariam a formação de EI's nas duas culturas e que poderiam ser aprofundados em pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: equivalência semântica; idiomática; interculturalismo; sistematização.

1. Considerações Iniciais

Ensinar uma língua estrangeira para um falante não nativo não é tarefa das mais fáceis. Existem fatores extralinguísticos que interferem direta ou indiretamente nesse aprendizado. Como explicar, por exemplo, o uso da expressão *enfiar o pé na jaca*? Seu sentido semântico não tem relação alguma com o ato de fincar o pé em uma fruta. Não há pistas para o falante não nativo.

11 PUC-Rio – Coordenação Central de Extensão – Departamento de Letras barbara.sdc@gmail.com

Na década de 80, no Brasil, um jargão publicitário tornou-se muito popular. Era comum se referir a alguém ou alguma coisa como “Denorex: aquele que parece, mas não é.”

O trocadilho do nosso título pega carona nesse jargão-expressão para apontar o caminho inverso: nem sempre o que não se parece não é.

Expressões Idiomáticas (EI), de modo geral, são determinadas por especificidades culturais e combinações metafóricas, bem como, pelo uso e frequência com que são empregadas por seus falantes de forma coletiva.

Xatara (1998) destaca dois pontos que justificariam o frequente uso das EI na linguagem coloquial. No primeiro ela enfatiza que, apesar do desgaste causado pela previsibilidade e automação das EI, as mesmas conferem aos usuários um poder extremamente criativo, proporcionando jogos situacionais, muitas vezes representados por figuras de linguagem como metáforas e metonímias. No segundo ponto a pesquisadora afirma que as expressões idiomáticas são impregnadas de simbolismo, o qual representaria o inconsciente coletivo dos falantes e suas especificidades sociais e psíquicas.

Também nos chamou a atenção os estudos comparativos desenvolvidos por Alvarez (1998). A autora considera os aspectos culturais implícitos na EI para destacar o forte papel interacional e integrador que a EI exerce na aquisição da língua-alvo:

“Assim, o ensino da língua constitui um instrumento de integração do aluno na língua e no meio social através da interação, portanto propiciar o contato do aprendiz da língua-alvo com as expressões idiomáticas ampliaria as suas capacidades de análise e de produção de textos e situações de comunicação interativa onde elas são utilizadas.” (ALVAREZ, 1998:2)

Destacamos, ainda, estudo desenvolvido por Albuquerque, Rebello e Rebelo (2004), que propõe um método para descrição, categorização e aplicabilidade das EI, considerando um eixo de conexão entre a EI, um tema semântico que proporcionaria uma pesquisa mais categorizada:

“Estas expressões chamadas, muitas vezes, aleatoriamente, de idiomáticas, formulaicas, metafóricas, cristalizadas etc, chama-nos a atenção por serem bastante utilizadas em diversas situações e por apresentarem, num primeiro momento, características semânticas suficientes para nos fornecer informações acerca de um possível eixo organizador de seus usos.” (ALGQUERQUE, REBELLO e REBELO, 2004:1).

2. A abordagem Interculturalista

O interculturalismo – área acadêmica que tenta explicar as relações culturais entre os povos - diferentemente de outras teorias da linguagem, tem sua origem fora do campo lingüístico. De acordo com Meyer (2013:14) surge “*a partir da necessidade concreta sentida em dois campos profissionais: o da Educação e o dos Negócios.*” No campo da educação, o fenômeno incentivador de seu surgimento seria o crescente movimento imigratório na Europa e nos Estados Unidos, em meados do século XX. O sistema educacional que recebia os imigrantes e seus filhos não conseguia dar conta das crescentes dificuldades. No campo dos negócios, a globalização e o surgimento das empresas multi e transnacionais, que passaram a operar nos mais diversos países e, conseqüentemente, nas mais diversas culturas, contribuíram para a formulação de estudos mais aprofundados.

Abordando especificamente os fenômenos de interculturalismo, Bennett (1998) destaca a importância da formação cultural e explana que a cultura de uma nação é dividida em duas partes. De um lado existe a cultura objetiva (a arte, a literatura, o teatro, a música, as instituições etc.) e do outro a cultura subjetiva. O autor denomina essa cultura subjetiva como cultura com “c” minúsculo e propõe que “*Uma boa definição de cultura subjetiva seria os padrões apreendidos e compartilhados pelos grupos de pessoas que interagem – suas crenças, comportamentos e valores*”¹².

Reforçando e exemplificando a definição acima, Meyer (2013) associa a cultura subjetiva à cultura linguística:

“Nos estudos de L2, a cultura linguística relaciona-se aos aspectos que revelam a identidade psicossocial de um grupo de falantes: os padrões de pensamento, moralidade, ética, comunicação, comportamento etc tal como podem ser percebidos através do uso que essa comunidade faz de sua língua.”
(MEYER, 2013:55)

Aliada às especificidades culturais, temos também a formação da identidade. Analisando a questão da diversidade cultural, Bennett (1998) declara que a identidade se forma no nível da cultura subjetiva e que se dá muito mais por uma questão de adesão por identificação do que por alguma espécie de herança:

“Note-se que, em termos de cultura subjetiva, a etnia é um fator cultural, em vez de um patrimônio genético; pele escura e outros traços negroides podem

12 Tradução livre de “*A good working definition of subjective culture is the learned and shared patterns of beliefs, behaviors, and values of groups of interacting people.*” (Bennett, 1998:2)

fazer uma pessoa ‘negra’, mas essa pessoa não tem necessariamente uma experiência de inculturação Africana-americana. (...). Do mesmo modo, ‘brancos’ não são necessariamente euro-americanos, embora seja difícil para eles escapar de serem associados aos padrões correntes e dominantes na sociedade norte-americana.” (BENNETT, 1998:3)¹³

Bennett (1998) chama a atenção, também, para os grupos de identidade, ou seja, a formação de grupos com bem definidos padrões culturais: “*Por definição, os indivíduos não têm diferentes culturas; o termo para os padrões de comportamento individual é ‘personalidade’*”.¹⁴

A generalização cultural é outro conceito importante para a análise interculturalista. Bennett (1998) afirma que a generalização cultural é necessária no processo de comunicação intercultural e que deve ser feita considerando a crença predominante em cada cultura:

“Quase todas as possíveis crenças estão representadas em todas as culturas em todos os tempos, mas cada cultura diferente tem preferência por algumas crenças mais que outras. A descrição desta preferência, derivada de grandes grupos de pesquisa, é uma generalização cultural.” (BENNETT, 1998:4)¹⁵

É também importante relacionar a questão da generalização cultural na comunicação intercultural à abordagem cultural geral de interação, que segundo Bennett (1998) pode auxiliar a evitar contradições e desentendimentos em situações transculturais. O autor (1998) cita como exemplo dessa abordagem a definição de alto e baixo contexto cultural de Edward T. Hall (1976 *apud* Bennett, 1998:6). Observamos que dentro dessa abordagem de Hall, o Brasil estaria classificado como de cultura de alto contexto (tendência a preferir a interação verbal indireta e a entender significados inerentes a todos os níveis socioculturais; valorização da mentalidade em grupo; confiança maior no contexto e na percepção; emprego da lógica espiral, utilizando rodeios e evitando a negativa direta), enquanto os Estados Unidos como cultura de baixo contexto (preferência pela interação verbal direta e entendimento de significados

13 Tradução livre do trecho “*It should be noted that in terms of subjective culture, ethnicity is a cultural rather than a genetic heritage; dark skin and other Negroid features may make one ‘black’, but that person has not necessarily experienced African American enculturation. (...) Similarly, ‘whites’ are not necessarily European American, although in the United States it is difficult for them to escape being socialized in the patterns that are currently dominant in U.S. American society.*”

14 Tradução livre do trecho “*By definition, individuals do not have different cultures; the term for patterns of individual behavior is ‘personality.’*” (BENNETT, 1998:3)

15 Tradução livre do trecho “*Nearly all possible beliefs are represented in all cultures at all times, but each different culture has a preference for some beliefs over others. The description of this preference, derived from large-group research, is a cultural generalization.*”

em apenas um nível; valorização do individualismo; confiança na lógica linear e sem dificuldades de dizer não diretamente).

Em qualquer situação de generalização cultural, Bennett (1998) ressalta que é necessário evitar a formação de estereótipos, sejam positivos ou negativos.

Na comunicação intercultural é imprescindível para o professor de PL2E desenvolver sua competência intercultural. Bennett (1998) destaca que a competência intercultural vai além da língua e se manifesta na capacidade de compreender a cultura subjetiva. Fantini (2006:12 apud Jackson, 2012:271) define a comunicação intercultural como: “*Um complexo de habilidades necessárias para um desempenho efetivo e apropriado ao interagir com outras pessoas que são diferentes linguisticamente e culturalmente*”.¹⁶

3. Análise das Expressões Idiomáticas

Ao analisarmos as expressões idiomáticas como indicadoras de padrões de identidade cultural brasileira e norte-americana, se faz necessário, também, considerar alguns pressupostos geográficos, socioculturais e linguísticos, a fim de estabelecermos conexões coerentes em nossa análise.

Guardadas as devidas proporções sobre o processo histórico e a formação socioeconômica e cultural dos dois países, no geral, encontramos bastante similaridade, destacando a unidade da língua, a extensão territorial, a influência religiosa e o multiculturalismo, sendo este último mais forte nos Estados Unidos do que no Brasil.

É importante denotar também, o caráter identitário da expressão idiomática. Sob o ponto de vista do interculturalismo, a EI não só representaria uma espécie de fotografia da cultura de determinado povo, como também, seria um código de pertencimento, que ao ser compartilhado e decifrado por seus falantes, representaria uma chave de acesso a determinado grupo de identidade. Nesta mesma linha de identificação e pertencimento, confirmamos o caráter interativo da EI na comunicação informal, conforme já apontado por Alvarez (1998).

Considerando o conceito de eixo semântico abordado por Albuquerque, Rebello e Rebelo (2004), selecionamos 19 pares de EI do Português Brasileiro (PB) e do Inglês

¹⁶ Tradução livre do trecho “*a complex of abilities needed to perform effectively and appropriately when interacting with others who are linguistically and culturally different from oneself*”.

Americano (IA) de alto grau de equivalência semântica e que poderiam ser agrupadas em categorias distintas. Para confirmar essa classificação, coletamos exemplos autênticos do IA¹⁷ e os traduzimos livremente, substituindo as EI pelas equivalentes do PB. Ressaltamos que essa proposta de categorização parte de uma visão particular de agrupamento, servindo apenas ao propósito da presente análise.

A – Peculiares

Dentre os pares de EI selecionados, chamou-nos a atenção alguns deles que, além da explanação de sentido semântico ordinário, necessitariam de outras observações a fim de evitar equívocos de entendimento e aplicação das EI no contexto situacional vivenciado pelos alunos de PL2E. Denominamos tais EI como peculiares, resumidas no quadro abaixo e a seguir analisadas.

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
A steal	Uma pechincha	Muito barato
An arm and leg	Os olhos da cara	Muito caro
Highway robbery	Um roubo	Alguma coisa excessivamente cara, especialmente quando a pessoa não tem escolha a não ser comprar.
Buy the farm	Abotoar o paletó	Morrer
Kick the bucket	Bater as botas	Morrer
Brown as a Berry	Vermelho como pimentão	Pessoa que se bronzeou demais. Em português também pode significar pessoa que está envergonhada.

A STEAL/UMA PECHINCHA; HAGHWAY ROBBERY/UM ROUBO; AN ARM AND LEG /OS OLHOS DA CARA

A EI do IA *a steal* (um roubo) tem significação diferente do que um brasileiro, a primeira vista, poderia concluir. Seu sentido semântico equivalente a uma pechincha, uma coisa ou negócio extremamente barato, se dá pelo raciocínio de que a coisa em questão é tão barata que poderia ser considerada roubada:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
“The \$25 fee for a tent site is <u>a steal</u> when you see the sun climb up from what feels like the edge of the	Pagar US\$25 por uma barraca é <u>uma pechincha</u> quando você vê o sol nascendo e sente como se

17 COCA – The Corpus of Contemporary American English

earth.”	estivesse na beira da terra
---------	-----------------------------

Fonte: COCA, 2011

Tal raciocínio não é verificado para a versão em português. Uma *pechincha* está relacionada com o ato de *pechinchar*, pedir ou negociar para abaixar o preço. Nessa primeira análise nos deparamos com um aspecto interessante de comparação dentro das generalizações interculturalistas. De um lado temos a generalização de que o baixo contexto cultural dos norte-americanos os levaria a adotar um discurso mais direto e objetivo e do outro, que os brasileiros, de alto contexto cultural, tenderiam a ser mais indiretos. Quando analisamos a EI verificamos certo paradoxo sobre essa generalização. *A steal* é muito mais indireta do que *uma pechincha*.

Esse paradoxo parcialmente se desfaz se colocamos em análise o par *highway robbery* e *um roubo*:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
“It turned out crackers were on sale. Just the store brand, but he could get a two-pound box for nine ninety-five, which was still <u>highway robbery</u> , but it left him with enough to buy five packs of ramen noodles and a couple of apples.”	Descobriu que as bolachas estavam em promoção. Apenas a marca da loja, mas ele poderia comprar uma caixa de um quilo por nove e noventa e cinco, o que ainda era <u>um roubo</u> , mas sobrou o suficiente para comprar cinco pacotes de macarrão e duas maçãs.

Fonte: COCA, 2009

Ambas EI tratam de alguma coisa ou negócio extremamente caro e possuem em sua significação semântica um raciocínio bastante simplificado. Cabe ao professor de PL2E alertar a audiência para não confundir a EI *a steal* com a EI *um roubo*, que embora tenham tradução literal idêntica são opostas semanticamente.

No mesmo sentido semântico apontado acima, o de alguma coisa ou negócio extremamente caro, encontramos as EI *an arm and leg* (um braço e uma perna) e *os olhos da cara*. O que observamos agora é uma similaridade de raciocínio nas duas EI. A coisa a ser adquirida é tão cara que é como se fossem arrancados um braço e uma perna e os olhos da cara. A ideia dessas EI é enfatizar o alto custo fazendo uma analogia a que seria ficar com alguma deficiência física motora ou visual.

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
I just love good food that I don't have to pay <u>an arm and leg</u> for.	Eu apenas gosto de uma boa comida que eu não tenha que pagar os <u>olhos da cara</u> por ela.

Fonte: COCA, 2008

KICK THE BUCKET/BATER AS BOTAS ≠ CHUTAR O BALDE; BUY THE FARM/ABOTOAR O PALETÓ

Na temática da morte, nos deparamos com várias EI que tratam do tema. Em nossa seleção incluímos duas delas. A primeira – *kick the bucket* – nos chamou atenção

não apenas pelo seu significado semântico (morrer), como pela sua tradução literal (chutar o balde). No português brasileiro encontramos a EI *chutar o balde* que tem significação completamente diferente. Seria o ato de não se importar para as consequências de determinada atitude: “*Trabalhou duro por três meses e depois chutou o balde.*” (FONTES FILHO, 2006:67).

Note-se que a versão brasileira para *chutar o balde* não tem nenhuma relação com a origem da expressão americana. De acordo com Terban (1996:105), *kick the bucket* tem origem na Inglaterra do século XVI e está relacionada à prática de enforcamento utilizando um balde no qual os criminosos subiam em cima. Tal balde era, então, chutado e assim se concluía o enforcamento. Nos dias atuais, assume-se o ato de morrer como significação dominante:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
I'm not sorry for those who <u>kick the bucket</u> , nor do I envy those who just carry on, and I'm not much interested in which group I belong to. Amen for Jerry. Amen for everybody and everything else.	Eu não sinto muito por aqueles que <u>bateram as botas</u> , nem invejo aqueles que apenas seguiram em frente, e eu também não estou muito interessado em saber a qual grupo eu pertenso. Amém para Jerry. Amém para todos e tudo o mais.

Fonte: COCA, 2003

No mesmo sentido, destacamos a EI *buy the farm*, a qual atribuímos uma outra EI brasileira de mesma significação semântica – *abotoar o paletó*:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
After Hitler dies and these three <u>buy the farm</u> here, who's left that has the whole story?	Depois que Hitler morreu e que esses três aqui <u>abotoaram o paletó</u> , quem sobrou para contar toda história?

Fonte: COCA, 2009

Curiosamente as duas EI brasileiras utilizam peças de vestuário em sua analogia (botas e paletó), o que não acontece nas versões americanas. Embora não tenhamos comprovado a origem das EI brasileiras através de nossas fontes bibliográficas, acreditamos que *bater as botas* está relacionada a *cair duro* – “*Levou um tiro e caiu duro.*” (FONTES FILHO, 2006: 55) – referência ao movimento dos pés ao cair morto – e *abotoar o paletó* estaria relacionada ao ato de preparar o morto para o sepultamento.

BROWN AS A BERRY/VERMELHO COMO PIMENTÃO

Finalizando esse primeiro agrupamento, temos um par de EI com algumas peculiaridades. A primeira delas refere-se à cor. A EI americana *brown as a berry*¹⁸ (marrom como uma pequena fruta) refere-se a fruta que escureceu devido à exposição ao sol. No mesmo sentido, *vermelho como pimentão* também trata do excesso de

18 Segundo o Cambridge Dictionary (2013:72) *berry* significa qualquer uma das várias frutas pequenas e redondas que crescem em plantas ou árvores (tradução nossa).

exposição ao sol, mas a cor escolhida para essa ênfase é a vermelha. Isso ocorre porque no Brasil essa EI é mais comum para falar de pessoas claras que abusam do sol, ao passo que nos Estados Unidos se faz menção ao bronzeamento em geral:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
He looked like a little savage, <u>brown as a berry</u> and his hair wherever and however it would grow.	Ele parecia um pouco selvagem. <u>Vermelho como pimentão</u> e seu cabelo poderia crescer onde e como quisesse.

Fonte: COCA, 1997

O segundo aspecto que deve ser observado é que a EI *vermelho como pimentão* também é aplicada para pessoas que se envergonham por alguma coisa e ficam com a face avermelhada: “*É, mas depois fiquei mortificada. Vermelha, um pimentão. Não sabia onde me meter.*”¹⁹

B – De personagens

Outro grupo de EI que destacamos é o que denominamos de personagens, a seguir resumido:

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Drop a dime	Dedo-duro	Delatar alguém para as autoridades
Lap dog	Puxa-saco	Uma pessoa que está pronta para agradar outra à custa de suas próprias necessidades, a fim de manter uma posição de privilégio ou obter um favor
Wet blanket	Espírito de porco	Pessoa que tenta estragar o divertimento dos outros

Em nossa análise nos deparamos com EI dos dois idiomas que se caracterizam por um grau de estereotipia associado à leitura metafórica. Como vimos anteriormente, a abordagem interculturalista recomenda evitar o estereótipo (positivo ou negativo). No caso das EI desse grupo, o estereótipo é inevitável. Cabe ao professor de PL2E conduzir a audiência no sentido não de evitar os seus usos, mas sim de compreender que não significam uma generalização. Fazem parte do arcabouço cultural e são muito comuns, especialmente em ambientes corporativos.

DROP A DIME/DEDO-DURO é muito popular na linguagem informal. Ressaltamos que associamos as duas EI em termos de campo semântico e não sintático, visto que a

¹⁹ Frase do livro “A coragem de crescer” retirada do site: <https://books.google.com.br/books>.

EI em inglês representaria um sintagma verbal, enquanto que a EI brasileira um substantivo.

A EI *dedo-duro* apresenta-se como um estereótipo negativo na cultura brasileira. A tendência de valorização da mentalidade em grupo, destacada na cultura de alto contexto de Hall²⁰, pode ser claramente observada em sua aplicação na cultura brasileira. O *dedo-duro*, na definição de Fontes Filho (2006:108) é um “*alcaguete; delator*”, sendo o exemplo adotado pelo autor bastante negativo: “*Cuidado que ele é dedo-duro*”. Analisando a EI literalmente, temos uma imagem de uma pessoa com um dedo em riste apontando para alguém.

A versão americana dessa EI – *drop a dime* (deixar cair uma moeda de 10 centavos), a princípio, seria menos negativa. No verbete coletado online, alguém que *drop a dime* é aquele que informa a polícia ou autoridade sobre alguma atividade ilegal de alguém²¹, conforme verificamos no exemplo a seguir:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
And if those 10 people are not motivated by money, they're not going to <u>drop a dime</u> on bin Laden for a cash reward.	E se essas 10 pessoas não são motivadas por dinheiro, elas não vão <u>dedurar</u> Bin Laden por uma recompensa financeira.

Fonte: COCA, 2006

Note-se que na tradução por nós adotada, foi mais apropriado utilizar o verbo *dedurar*, que estaria mais enquadrado no sentido não tão negativo da EI americana e condizente sintaticamente.

Nossa próxima análise - *LAP DOG/PUXA-SACO* - representa um estereótipo negativo nas duas culturas, conforme observado a seguir:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
The 19 Republicans, including Mr. Ogden, fell in line behind a more austere budget, prompting the liberal blogger Phillip Martin to joke on Twitter that the powerful senator had become Michael Quinn Sullivan's <u>lap dog</u> .	Os 19 republicanos, incluindo o Sr. Ogden, formaram uma fila atrás de um orçamento mais austero, o que levou o blogueiro liberal Phillip Martin a brincar no Twitter que o senador poderoso havia se tornado um <u>puxa-saco</u> de Michael Quinn Sullivan.

Fonte: COCA, 2011

Podemos observar no exemplo acima, além do caráter negativo, um tom de ironia que se depreende ao analisarmos o contexto geral do texto. A aplicação da EI equivalente na cultura brasileira se dá no mesmo sentido. Quase sempre ocorre representando uma ironia bem humorada, conforme podemos observar em “*Professional*

20 Vide nota 17.

21 Verbetes original: “*If you drop a dime, you inform the police about someone’s illegal activities.*”

puxa-saco pode prejudicar até o chefe que bajula”²² e “*Não ultrapasse o valor definido para o presente (mesmo se tirar seu chefe, ou conviva com o apelido de puxa-saco para sempre) nem dê algo de menor valor.*”²³

Por fim nesse grupo, temos WET BLANKET/ESPÍRITO DE PORCO. Igualmente representantes de estereótipos negativos nas duas culturas. Destacamos que, embora as duas EI signifiquem a noção de desconforto e quebra de uma situação de prazer, a EI *wet blanket* (cobertor molhado) tem sentido literal mais próximo do sentido semântico do que a EI brasileira que é praticamente indecodificável literalmente:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
When her older daughter, Kathleen, ever the <u>wet blanket</u> , turned twelve or thirteen, she declared that she hated going to Maine. The air was too buggy, she said, the water too cold. There was no television and nothing to do.	Quando sua filha mais velha, Kathleen, sempre uma <u>espírito de porco</u> , fez doze ou treze anos, ela declarou que odiava ir para Maine. O ar é repleto de insetos, disse ela, a água é muito fria. Não tem televisão e nada para fazer.

Fonte: COCA, 2011

C – De descontração

Em nossa análise identificamos, também, um grupo de EI que caracterizariam a interação cultural entre seus falantes, conforme apontado por Alvarez (1998), e de ocorrência em situações de lazer e entretenimento:

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Dutch treat	Rachar a conta	Dividir o total do que for cobrado pelas pessoas do grupo
Chew the fat	Jogar conversa fora	Conversa descontraída, sem assuntos sérios ou importantes
One for the Road	A saideira	Última dose de bebida antes de sair do local

No primeiro par – DUTCH TREAT/RACHAR A CONTA – percebemos um dado interessante. Em *dutch treat* (tratamento holandês) vemos que o ato de dividir a conta não seria muito comum na sociedade americana. Terban (1996), em verbete sobre a origem da EI, afirma que a mesma refere-se ao hábito dos imigrantes holandeses de dividir as despesas e economizar dinheiro. A EI ainda preserva esse sentido, conforme o exemplo abaixo:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
---------------------	-----------------------

22 Título de notícia veiculada em 24/09/14, no site www.contabeis.com.br/noticias/19967.

23 Trecho de texto veiculada em 22/11/2014 no site <http://wp.clicrbs.com.br/trabalhador>

All right, that said, so when do you want to meet for that movie, if you still do? And it'll be <u>Dutch treat</u> , O.K.? because I know you'd object to my paying.	Tudo bem, então se você ainda quiser, quando podemos nos encontrar para esse filme? E vamos <u>rachar</u> , O.K.? Porque eu sei que você não ia me deixar pagar.
--	--

Fonte: COCA, 2007

A equivalente brasileira tem absolutamente o mesmo sentido, porém apresenta-se de forma mais direta, visto que poderia se depreender do verbo “rachar” uma espécie de quebra ou partição da conta ao meio.

Os pares CHEW THE FAT/JOGAR CONVERSA FORA e ONE FOR THE ROAD/ A SAIDEIRA, novamente remetem à descontração, ao entretenimento e à interação pessoal nas duas culturas, sendo novamente as EI brasileiras um pouco mais diretas do que as EI americanas. A palavra “saideira” sugere uma saída e *jogar conversa fora* remete a uma conversa tão desimportante que poderia ser jogada fora. Dentre as EI *chew the fat* (mastigar a gordura) e *one for the road* (uma para a estrada), temos na tradução literal da primeira um grau de subjetividade maior do que na segunda. Vejamos os exemplos:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
It has long been a civically active, multigenerational community where kids and adults gather at the playground to play ball or cards or just <u>chew the fat</u> , a place where lives revolve around the neighborhood.	Ela tem sido uma comunidade civicamente ativa, por várias gerações, onde crianças e adultos se reúnem no parque para jogar bola ou cartas ou apenas <u>jogar conversa fora</u> . Um lugar onde vidas giram em torno do bairro.

Fonte: COCA, 2012

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
Cross invited the newlyweds to join him in <u>one for the road</u> , and they agreed. The maid brought the drinks and left for the kitchen to help the cook prepare dinner.	Cross convidou os recém-casados para se juntarem a ele em <u>uma saideira</u> e eles concordaram. A empregada trouxe as bebidas e partiu para a cozinha para ajudar a cozinheira a preparar o jantar.

Fonte: COCA, 2011

D – De organização

Neste grupo, consideramos algumas EI que têm significação de organização:

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Apples and oranges	Misturar alhos com bugalhos	Usado para comparação de coisas ou ideias totalmente diferentes
In a nutshell	Para encurtar a estória	Usada para introduzir um resumo

Notemos que a EI APPLES AND ORANGES/MISTURAR ALHOS COM BUGALHOS serviria tanto para organizar ideias ou situações quanto para organizar espaços ou coisas. Vejamos o exemplo:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
It's hard to explain. And it's even more difficult to compare one case to the other. It's really <u>apples and oranges</u> .	É difícil de explicar. E ainda mais difícil comparar um caso ao outro. Isso é realmente <u>misturar alhos com bugalhos</u> .

Fonte: COCA, 2009

A EI IN A NUTSHELL/PARA ENCURTAR A ESTÓRIA é típica de organização do raciocínio, funcionando como um resumo do que foi dito antes:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
Who could have imagined the bedtime story would come to this? A recent children's book, <u>Maggie Goes on a Diet</u> , was penned to help the younger set deal when they've packed on too many pounds. <u>In a nutshell</u> : an overweight Maggie, who is bullied at school, diets and exercises to lose weight, and, in turn, gains popularity and happiness.	Quem poderia imaginar uma história de ninar que chegaria a isso? Um livro infantil recente, <u>Maggie Goes on a Diet</u> , foi escrito para ajudar os aqueles mais jovens que ganharam muitos quilos. <u>Para encurtar a estória</u> : Maggie tem excesso de peso e é intimidada na escola. Decide fazer dietas e exercícios para perder peso e, dessa forma, ganha popularidade e felicidade.

Fonte: COCA, 2012

Novamente observamos um discurso mais direto nas versões brasileiras em *misturar alhos com bugalhos e para encurtar a estória*.

E – De exagero

ALL THE TEA IN CHINA/NEM QUE A VACA TUSSA, normalmente expressas com exclamação no final, são bastante indiretas e representam uma negativa reforçada pelo exagero expresso literalmente pela EI.

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Not for all the tea in China	Nem que a vaca tussa	Não fazer alguma coisa por nada (dinheiro ou outra compensação)

A expressão inglesa traz a noção do valor do chá para a China para exemplificar o exagero da negação, enquanto que a imagem de uma vaca tossindo reforça a impossibilidade de aceitação:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
I wouldn't miss this concert for <u>all the tea in China!</u> (2011)	Eu não perco esse show <u>nem que a vaca touça!</u>

Fonte: COCA, 2011

F – De desistência

Esse par é normalmente utilizado em situações muito informais entre duas pessoas onde uma exerce um poder maior sobre a outra ou para reforçar acovardamento de alguma pessoa em determinada situação:

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Say uncle	Pedir penico	Admitir a derrota.

As duas EI – SAY UNCLE/PEDIR PENICO - não dão pistas de significação semântica e, normalmente, são usadas em situações triviais, em disputas ou em atividades esportivas. Fontes Filho (2006:240) define a EI brasileira como: “1 – Acovardar-se; amedrontar-se; Ex.: Na hora de tomar a injeção, pediu penico. 2 – Reconhecer-se vencido. Ex.: Depois de levar dois ou três socos, pediu penico.” Abaixo exemplo da EI americana:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
He tried grabbing her hands as he laughed, but she enjoyed winning far too much to make it easy for him. — Stop. Please. — <u>Say Uncle</u> . — Uncle. She stopped, and he flipped her onto her back.	Ele tentou agarrar as mãos dela enquanto ele ria, mas ela gostava demais de ganhar para tornar as coisas fáceis para ele. — Pare. Por favor. — <u>Pede Penico</u> . — Penico. Ela parou e ele virou-a de costas.

Fonte: COCA, 2011

G – De aceitação

Neste último grupo analisado, destacamos alguns pares de EI que simbolizam resignação e aceitação da situação nas duas culturas:

EI em Inglês	EI equivalente em Português	Sentido Semântico Compartilhado
Bear the brunt	Aguentar o tranco	Pessoas que suportam o pior de determinada situação
Eat Crow	Engolir sapo	Ser forçado a fazer alguma coisa muito desagradável ou humilhar-se e reconhecer um erro ou defeito.
Go through the motions	Empurrar com a barriga	Fazer alguma coisa automaticamente, sem excitação ou prazer.

Os pares BEAR THE BRUNT/AGUENTAR O TRANCO E GO THROUGH THE MOTIONS/EMPURRAR COM A BARRIGA trazem em suas metáforas simbólicas o esforço ou não para suportar pressões situacionais, conforme verificado nos exemplos abaixo:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
And yet the lenders also, in the subprime crisis, they didn't <u>bear the brunt</u> if the person couldn't pay their mortgage.	E os credores também não podem aguentar o tranco da crise do subprime se a pessoa não puder pagar sua hipoteca.

Fonte: COCA, 2011

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
I make decent money working for a broker-dealer, she says. But I'm not happy. I just <u>go through the motions</u> every day.	E ganho um dinheiro decente trabalhando na corretora, ela disse. Mas eu não estou feliz. Eu apenas <u>empurro com a barriga</u> todo dia.

Fonte: COCA, 2011

Finalizando nossa análise, temos o par EAT CROW/ENGOLIR SAPO.

Como já informamos no quadro resumo acima, existe uma pequena diferença na aplicação semântica da EI americana. Terban (1996) relata que essa EI originou-se na guerra de 1812, onde os oficiais americanos eram forçados a comer corvos mortos, cujo gosto era terrível. A expressão é usada para situações em que a pessoa precisa suportar em silêncio alguma coisa muito desagradável e também quando a pessoa é forçada a reconhecer um erro publicamente e de forma humilhante, conforme exemplo abaixo:

Exemplo de EI do IA	Tradução com EI do PB
Controller Steve Westly, who hopes to challenge the governor in November, said Schwarzenegger has been crowing for years about his intention to collect federal money for California and now must <u>eat crow</u> .	O Superintendente Steve Westly, que espera desafiar o governador em novembro, disse Schwarzenegger, tem alardeado durante anos sobre a sua intenção de recolher o dinheiro federal para a Califórnia e agora ele precisa <u>engolir o sapo</u> .

Fonte: COCA, 2006

Na cultura brasileira só encontramos o primeiro sentido. Fontes Filho (2006:131) a define como “Suportar coisa imposta e indesejável sem revidar ou reclamar” e exemplifica: “Depois que assumiu a diretoria, vive engolindo sapos.” Notemos, ainda, que a imagem sugerida (a de engolir sem mastigar) reforça a ideia de desconforto e intolerância de quem suporta a situação e não pode responder.

4. Considerações finais

Em uma primeira análise, ao compararmos as duas culturas verificamos bastante similaridade, com destaque para a unidade da língua, a extensão territorial, a influência religiosa e o multiculturalismo. Ainda sobre os aspectos socioculturais e considerando o caráter de linguagem coloquial da EI, verificamos pouca influência religiosa nas EI consideradas semanticamente equivalentes, sendo maior evidenciada a influência multicultural.

Por seu caráter cristalizado, percebemos que a EI representa um recorte sincrônico nas duas culturas, apresentando traços fortes de identidade, mas também, de estereotipia. Nesse sentido, observamos que o professor de PL2E deve alertar a audiência para o apropriado uso da EI, sem incorrer em preconceitos culturais evitando o fortalecimento do estereótipo, principalmente o negativo.

Analisando os discursos semânticos das EI observadas, contrariamente a definição de alto e baixo contexto cultural de Hall (1976 *apud* Bennett, 1998:6), constatamos que as expressões analisadas do português brasileiro possuem traços de discurso mais direto e objetivo do que as expressões do inglês americano. Em alguns casos, percebemos o discurso direto na EI inglesa, mas em sua maioria é necessário mais de um nível de abstração e informação anterior para compreensão dos significados semânticos.

A constatação acima poderia ser explicada se considerarmos que a cultura brasileira é mais aberta do que a cultura norte-americana. Embora os Estados Unidos apresente maior diversidade cultural em seu território, tende a desenvolver subgrupos culturais mais fechados (os latinos, os asiáticos, os afro-americanos, os euro-americanos etc.).

Depreende-se, então, que a EI funcionaria como um código de acesso cultural, uma senha a ser desvendada pelo indivíduo que deseja pertencer àquela cultura. Sob esse aspecto, as EI brasileiras seriam mais convidativas à interação cultural por terem códigos mais acessíveis.

Confirmando nossa hipótese inicial, verificamos proximidade entre as duas culturas, especialmente ao considerarmos aspectos culturais universais e inerentes à alma humana, como a morte, a aceitação de situações problemáticas; a interação social etc.

Constatamos, também, que o professor de PL2E precisa desenvolver e promover continuamente as habilidades interculturais próprias para alcançar resultados mais condizentes com a realidade da comunicação intercultural, evitando etnocentrismos.

Da mesma forma, se faz necessário incentivar a postura intercultural entre os alunos, respeitando as culturas de origem e facilitando o processo de adaptação cultural.

Quanto mais o professor identificar os diversos e diferentes traços culturais em sala de aula, mais ele conseguirá criar mecanismos de ensino eficazes e pragmáticos. Isso implica em utilizar não só os recursos linguísticos já disponíveis, como adaptar ou criar novas formas de ensino que se aproximem da realidade comunicativa da audiência.

Embora não tenhamos encontrado um par semântico para a EI *enfiar o pé na jaca*, podemos afirmar que a rota da semelhança é muito mais possível do que se poderia imaginar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. e REBELLO, A. e REBELO, I. 2004. *Melhor sair de fininho para não pagar mico*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

ALVAREZ, M. 1998. *Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura*. In FEYTOR PINTO, P. e JUDICE, N. (Org.). Para acabar de vez com Tordesilhas. Lisboa: Colibri.

BENNETT, M. 1998. *Intercultural communication: a current perspective*. Yarmouth, ME: Intercultural Press.

BERLINER, C. 2013. (Trad.) *Cambridge dictionary of American English: for speakers of portuguese*. São Paulo: Martins Fontes.

FONTES FILHO, A. 2006. *O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas*. São Paulo: Libra Três.

JACKSON, J. (Org.) 2012. *The routledge handbook of language and intercultural communication*. New York, NY: Routledge.

MEYER, R. 2013. *Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural*. In Português para Estrangeiros: Questões interculturais MEYER, R. e ALBUQUERQUE, A. (Org.) p. 13-34. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio.

MEYER, R. 2013. Cultural, multicultural, intercultural: o português como segunda língua para estrangeiros. In Matraga v.20, n. 32. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

TAGNIN, S. 1988. *A tradução dos idiomatismos culturais*. In *Trabalhos de Linguística Aplicada*, nº 11 p. 43-52. Campinas: UNIXCAMP.

TERBAN, M. 1996. *Scholastic dictionary of idioms: more than 600 phrases, sayings & expressions*. USA: Scholastic Reference.

XATARA, C. 1998. *O campo minado das expressões idiomáticas*. São Paulo: Alfa.

XATARA, C. 1998. *Tipologia das expressões idiomáticas*. São Paulo: Alfa.

Sites consultados na Internet:

<https://books.google.com.br/books>

<http://corpus.byu.edu/coca/>

<http://wp.clicrbs.com.br/trabalhador>

www.contabeis.com.br/noticias/19967

<https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+engolir+sapo&biw=1920&bih>

<https://www.google.com.br/search?q=eat+crow+image&biw=1920&bih>

<https://translate.google.com.br>

www.iie.org

www.puc-rio.br

www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20130828.html

www.usingenglish.com